

JOSÉ ANTÓNIO JERÓNIMO

Se nas veias do seu corpo não corresse sangue, correria água do Tejo, a sua grande paixão. Mais do que paixão, afirma que a faina do rio foi a sua melhor escola de vida, porque ali se aprendiam os valores mais altos da entreatajuda e da partilha. Falo-vos de José António Jerónimo, azambujense de gema nascido a 16 de janeiro de 1935.

Frequentou o ensino primário normal para a época e após o exame da 4ª classe foi trabalhar numa serração onde fazia embalagens de madeira. Só que aos 14 anos, o sangue – ou terá sido o Tejo... - falou mais alto e fê-lo dedicar-se ao rio, juntando-se ao pai nas artes da pesca. Agora, sim, era fragateiro como gostaria de ser. Recorda que havia muito peixe e muito trabalho; não havia era dinheiro!?... para o comprar. Viviam-se tempos de grande dificuldade económica, grandes carências básicas na própria subsistência diária das pessoas. De tal modo que muitas vezes ofereciam o peixe para matar a fome aos que o não podiam comprar.

O contacto com essa realidade e a inspiração cristã fizeram-no envolver-se desde cedo nos grupos da JAC e JOC (juventude agrária católica e juventude operária católica) e depois na Conferência de S. Vicente de Paulo praticando o auxílio material mas também afetivo aos mais necessitados. O tempo do serviço militar abriu-lhe as portas da área da mecânica automóvel, o que viria a influenciar a sua vida profissional. Após a tropa, tirou a carta de pesados e foi motorista de transportes diversos, atividade que não veio de encontro aos seus objetivos. É nesta altura que as grandes Ford e General Motors se instalam em Azambuja. Com melhores condições económicas e perspectivas de trabalho, ingressou na GM poucos meses após a abertura e ali acabou por permanecer e cumprir a sua vida profissional ativa, até à aposentação 30 anos depois.

Voltando à sua vida social, a pesca desportiva constitui uma página importante destas memórias. Além de bom praticante e da conquista de vários títulos regionais, integrou-se no Grupo Desportivo de Azambuja como dirigente de secção e ali surgiram alguns campeões nacionais. A sua paixão pela pesca e os seus conhecimentos técnicos levaram a que fosse convidado várias vezes para dar palestras sobre a modalidade. O envolvimento no Grupo Desportivo não se ficou pela pesca, já que viria colaborar durante vários anos e a desempenhar praticamente todas as funções, à exceção de tesoureiro - sublinha.

A atividade que, eventualmente, o tornou mais conhecido e fundamenta a homenagem que o município hoje lhe presta é a sua ligação às tradições ribatejanas e a sua dedicação à Feira de Maio de Azambuja.

O convite para integrar a comissão da feira surgiu em 1972, pelo próprio presidente da Câmara de então, Engº Pedro Vidal. José António Jerónimo aceitou o convite. Se nos primeiros anos a comissão era uma estrutura muito fechada e pouco flexível, depois do 25 de abril de 74, a pouco e pouco abriu-se à participação de mais elementos e grupos que pudessem enriquecer a feira. Nessa altura, refere que o orçamento era pouco ou nenhum, mas que não faltava nada. Pediam a ajuda às casas agrícolas e empresas, e eram muitas as que colaboravam com os mais variados contributos.

É de sua autoria a introdução da famosa “noite da sardinha assada”, em meados de 80, enquanto festa franca de rua e aberta a toda a população. A ideia surgiu-lhe em Espanha, porque as boas ideias podem e devem ser copiadas. Certa noite em que vagueava nas festas de Alfaro, onde acompanhava o cavaleiro Manuel Jorge de Oliveira, foi guiado por um português com quem meteu conversa e ficou encantado com a hospitalidade das pessoas e o espírito de convívio vivido em toda a cidade. Era este o ambiente de feira que sonhava para Azambuja, em que toda a gente abre as portas aos amigos mas também aos forasteiros partilhando o gosto pela “festa brava”. No seu entender, foi esta abertura e este crescimento da feira que estimularam o surgimento de mais tertúlias e a sua atual grande expansão sobretudo entre os mais jovens.

A dada altura, achou também que havia outra falha para que esse espírito fosse efetivo. Faltava um espaço onde os colaboradores da feira e os campinos pudessem tomar as refeições e conviver nos intervalos do trabalho e das atividades da feira. Não descansou, enquanto não foi possível construir um pavilhão que cumprisse esse papel, e ele lá foi construído pela autarquia em pleno Campo da Feira.

1987 é outro ano de viragem na Feira de Maio. Já com as funções de coordenador geral da feira – designação de que nunca gostou por achar demasiado pomposa – tomou nas suas mãos a organização da homenagem ao campino que já fazia parte do programa. Com a estreita colaboração e amizade do campino António “Carniça” – Maioral Real da Feira já desaparecido do nosso convívio – aprofundou os contactos existentes e desenvolveu outros novos para que a feira de Azambuja juntasse o maior número de campinos possível em ambiente de “família ribatejana”, em espírito fraterno, de convívio e de respeito pelas tradições e pela nossa herança cultural, distinguindo os campinos mais velhos como exemplo e inspiração para as novas gerações.

Outras duas peças essenciais deste puzzle são a Praça de Toiros de Azambuja e a Associação Cultural A Poisada do Campino, elas próprias ligadas entre si. Havia duas ideias no ar, que há algum tempo andavam a amadurecer no pensamento de José António

Jerónimo, as vantagens de ter um praça própria em vez de alugar anualmente uma desmontável, e também o interesse em consolidar o trabalho da comissão da feira.

Com a retaguarda institucional da Câmara Municipal, então presidida pelo senhor João Benavente, inicia uma verdadeira saga de contactos para encontrar a praça de toiros pretendida e os meios para a adquirir. Neste processo que envolveu muita gente destacam-se dois nomes no apoio ao projeto: o Dr. Ortigão Costa e o Sr. José Batalha. A “Poisada do Campino” também já estava idealizada, e os estatutos e regulamentos internos já estavam no papel. Em março de 1989, necessidade e vontade conjugam-se e assim é formalmente constituída a Associação Cultural A Poisada do Campino a fim de facilitar o processo de aquisição da praça de toiros já escolhida.

Então e um homem nascido no rio não arrisca um dedo na cozinha? Arrisca, petisca e dá a petiscar!... São famosos, só por exemplo, os seus ensopados de enguias. Chegou a fazê-lo para quase mil convivas, aquando do primeiro desfile etnográfico realizado em Azambuja. A convite de associações ecoletividades, cozinhou para muitos eventos sempre de forma graciosa. E diga-se que este gosto pela cozinha aprendido com o pai, associado à paixão pelas tradições ribatejanas, lhe aguçou o apetite para outra aventura. Porque não fundar uma confraria chamada “Sabores do Tejo e da Lezíria”?! Preservaria o valor cultural e gastronómico da enguia e do sável, das sopas e das molhatadas, do torricado, enfim... Fica a ideia, fica o sonho. E de sonho é este pedaço de Tejo que banha os campos de Azambuja. Quando já só pensa em abraçar o mar, mas ainda antes de se abrir em estuário, é aqui, com os seus férteis mouchões e uma vegetação abundante e vigorosa que encontramos o mais belo pedaço de todo o rio Tejo!

Em conclusão, aquilo de que, porventura, mais se orgulha é de ter dado à figura do Campino o lugar de destaque na Feira de Maio de Azambuja, elevando a cerimónia de Homenagem ao Campino na manhã do último domingo de maio ao estatuto de momento mais solene da feira e – porque não dizê-lo – um dos rituais mais dignos e belos em todo o Ribatejo de reconhecimento ao “senhor das Lezírias”.

Hoje, não estamos na Praça do Município, mas estamos em pleno mês de maio numa sessão com idêntica solenidade, para entregar a Medalha de Mérito Municipal Grau Ouro – 2013 do Município de Azambuja ao Sr. José António Jerónimo...